

## O LUGAR DA COMPOSIÇÃO SINTAGMÁTICA NO ENSINO DOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE NEOLOGISMOS

Márcia Regina Pavoni de CARVALHO<sup>1</sup>

### RESUMO

Dentre os processos de formação de neologismos, destaca-se o da composição sintagmática (reconhecido por Guilbert, 1975; Sandmann, 1989; Alves, 1994), ou lexia complexa (Pottier, 1970), altamente produtivo em língua portuguesa, como ocorre em, por exemplo, *aquecimento global*, *candidato governista*, *casa própria*, *cientista político*, *milho safrinha*, *pregão eletrônico*. Em dicionários (Aurélio, 1999, e Houaiss, 2003), compostos deste tipo costumam aparecer em subentradas. Tal registro caracteriza o processo de desneologização. Na disciplina Língua Portuguesa, ministrada nos níveis fundamental e médio e cujo ensino se baseia em compêndios gramaticais, privilegiam-se os processos da derivação e da composição, e seus desdobramentos classificatórios, deixando, contudo, de contemplar o composto sintagmático. Os estudos lexicológicos, seguidos de sua divulgação nos meios acadêmicos e compondo temas de formação continuada de professores, podem contribuir para a inserção deste tipo de formação neológica no ensino da língua portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: lexicologia; neologismos; composição sintagmática; ensino.

### Introdução

Por ocasião da realização da pesquisa de Mestrado (CARVALHO, 2003), que privilegiava o estudo dos neologismos encontrados na imprensa escrita, portanto da língua corrente, com recorte voltado a jornais editados em Mato Grosso e em Mato Grosso do Sul, a análise do *corpus*, constituído de 498 (quatrocentos e noventa e oito) verbetes, revelou que o processo de produção de neologismos mais produtivo, com percentual acima de 32% do total, era o da composição sintagmática, ou lexia complexa. Seguiram-se a tal processo, em ordem decrescente, a composição (25%), a derivação prefixal (15%), o neologismo semântico (10%), a derivação sufixal (8%), o

---

<sup>1</sup> UFMT, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Letras; Rua Adiney Pimenta, nº 64,

estrangeirismo (5%), dentre outros com menor expressividade.

Surgiu dessa experiência e observação o recorte deste estudo, pois, dada a alta produtividade da composição sintagmática, espera-se que ela componha os conteúdos programáticos do nível básico de ensino. A (não-)comprovação de tal evidência pôde ser feita por meio de análise de livros didáticos adotados por escolas públicas da cidade de Rondonópolis-MT.

### **Sobre os neologismos**

Numa sociedade marcada pelos avanços científicos e tecnológicos, como a atual, há referentes sempre em mutação, cujo reflexo pode ser percebido no léxico – nas criações, nas modificações dos significados. Temos, assim, no léxico um sistema aberto, sempre sujeito a alterações, que, pela perspectiva intralingüística, ocorrem por meio dos diversos processos de formação de palavras, alguns mais, outros menos produtivos.

Embora se submeta aos processos intralingüísticos para a sua formação, o léxico relaciona-se à realidade exterior, não-lingüística, já que surge para nomear as realizações humanas. Sapir (1971, p. 202) assegurava que a língua não existe isolada de uma cultura, caracterizando-se como um instrumento capaz de denotar aspectos da história, do modo de vida e de pensar de uma comunidade. Assim, ela registra todas as aquisições culturais de uma sociedade.

A necessidade de nomear a realidade e os objetos constantemente criados e de registrar o conhecimento, que está sempre em processo de ampliação, acaba por obrigar o homem a rotular os objetos, os seres, os avanços científicos e tecnológicos como forma de discriminá-los.

Surgem, em decorrência de tal necessidade, as criações neológicas. De acordo com Guilbert (1975, p. 31), a neologia, em nível lexical, é tida como a possibilidade de criação de novas unidades lexicais, em virtude das regras de produção do sistema lexical. A língua funciona segundo seu próprio código, e as formações neológicas ocorrem com base em elementos já disponíveis no sistema. Já para Boulanger (1990, p. 233), que entende a neologia como processo e o neologismo como produto, o resultado concreto da neologia se verifica no neologismo de forma, de sentido ou de empréstimo.

Dessa maneira, são amplas as possibilidades de enriquecimento do léxico, o que se dá a partir de palavras já existentes ou com a adoção de formas estrangeiras, que podem sofrer adaptações à estrutura de língua receptora.

Uma vez criado ou adotado de outro sistema lingüístico, o neologismo pode ou não ser incluído no sistema lingüístico. Se for aceito por uma comunidade de falantes-ouvintes/escritores-leitores, será reempregado por várias vezes até passar pelo processo de desneologização, permanecendo no sistema e podendo servir de base para novas formações. Do contrário, simplesmente desaparece, não se tornando, dessa forma, lexia memorizada na competência dos falantes. Neste caso, a nova forma não ultrapassa o nível do discurso/fala e, portanto, não chega a integrar o sistema léxico da língua.

Os neologismos podem originar-se em relação ao tempo, ao espaço, aos estratos sociais, aos universos de discurso: criados em determinada etapa da língua, os neologismos podem passar a integrar uma norma e o sistema; um vocábulo pode transitar para região diversa da que costuma ser empregado, adquirindo o caráter de novidade; igualmente, um vocábulo pertencente à norma de uma classe social pode ser adotado por outra classe, assumindo função neológica; o trânsito de um vocábulo para um universo de discurso diferente daquele em que costuma ser empregado também

caracteriza a neologia, o que está em consonância com o que assevera Preti (2003, p. 55): “vocábulos que se ligam a certos grupos ou atividades específicos passam a se vulgarizar, entrando para linguagem comum”.

A aceitação ou a rejeição do neologismo são determinadas pelo caráter lingüístico, uma vez que a criação lexical deve estar de acordo com as regras do sistema da língua, pelo social, que implica no fator prestígio do criador, do grupo social ou do meio de difusão, e pelo psicológico e social, que determinam a concorrência entre morfemas, o prestígio de algumas formas e o não-prestígio de outras (ALVES, 2000, p. 111).

Podemos afirmar que os usuários da língua não encontram muita dificuldade de interpretação quando se deparam com novos itens lexicais e, também, são capazes de inovar, criando lexias inéditas com certa facilidade. Os elementos formais da língua, já disponíveis no sistema possibilitam o ato de criação, figurando como modelos para a geração de novas formas. Os neologismos surgem mediante a composição de enunciados, estando vinculados a contextos situacionais, o que facilita a sua compreensão.

### **Os limites da lexia e a ortografia**

*Palavra e vocábulo* – pertencentes à linguagem comum – prestam-se a equívocos e imprecisões, lembra-nos Biderman (2001, p. 69). Criou-se, então, o termo *lexema* para designar a unidade léxica abstrata em língua. Em Dubois *et al* (1998, p. 360), lemos que “*lexema* é a unidade de base do léxico, numa oposição léxico/vocabulário, em que o léxico é colocado em relação com a língua e o vocabulário

com a fala”. Neste sentido, as manifestações discursivas dos lexemas constituem as lexias, cuja definição se torna importante a este trabalho.

Pottier (1970, p. 25-26) define a lexia como a unidade lexical memorizada, acrescentando que o locutor, quando diz *meter a mão, Ave Maria Puríssima!, ó pedra filosofal*, não constrói tais combinações no momento em que fala; ao contrário, toma o conjunto em sua “memória lexical”. O autor distingue quatro tipos de lexia: a simples, a composta, a complexa estável e a variável, e a lexia textual.

Dubois *et al* (1998, p. 361), também pautando-se em Pottier, apresentam a seguinte definição, de lexia simples, de composta e de complexa:

Na terminologia de B. Pottier, a *lexia* é a unidade de comportamento léxico. Opõe-se a *morfema*, menor signo lingüístico, e a *palavra*, unidade mínima construída. É, portanto, a unidade funcional significativa do discurso. A lexia simples pode ser uma palavra: *cão, mesa, cegetista* (membro da C.G.T.). A lexia composta pode conter várias palavras em via de integração ou integradas: *quebra-gelo*. A lexia complexa é uma seqüência estereotipada: *a cavalo, C.G.T.* (acrescentar-se-ão os provérbios (...) etc.). B. Pottier propõe que a distinção tradicional das partes do discurso tome por unidade a lexia e não mais a palavra. Com efeito, o comportamento sintático de *máquina de costura, desde que* encoraja a classificar essas lexias nas categorias gramaticais respectivas: substantivo, conjunção.

Na perspectiva tradicionalista, os exemplos dados acima podem ser classificados como forma primitiva (*cão, mesa*), derivação sufixal (*cegetista*), composição por justaposição (*quebra-gelo*). Cunha e Cintra (2001, p. 105-106) não parecem distinguir o processo da composição (lexia composta de Pottier) da composição sintagmática (lexia complexa também de Pottier), pois, em observação quanto aos tipos de composição, registram que nem sempre os elementos justapostos vêm ligados por hífen, sendo este referente a “simples convenção ortográfica”. E mencionam os exemplos *passatempo* e *varapau* (“que se escrevem unidos”) e *pai de família, fim de semana, Idade Média* (“que conservam a sua autonomia gráfica”).

A grafia de *urna eletrônica* e de *bolsa-escola* (a primeira sem e a segunda com hífen) leva-nos a refletir sobre a ortografia. Em ambos os casos, é possível observar que o processo de lexicalização já está completo, pois o falante percebe tais seqüências como unidades, a elas atribuindo os respectivos referentes. Embora haja possibilidade de grafar *urna-eletrônica*, analogamente a *bolsa-escola*, não é assim que aparece nos meios de comunicação.

A inconsistência do código escrito foi já criticada por Biderman (2001, p. 172), assim como Câmara Júnior (2000) o fizera. Ambos os autores apontam a incoerência do emprego do hífen, já que ele é usado em lexemas como *guarda-roupa*, *terça-feira* e não o é em *antes de ontem*, *Santa Casa*, dentre outros exemplos de formas assim categorizadas, não estando, dessa maneira, unificada a ortografia. Biderman chega a propor que lexemas como os dois primeiros sejam considerados como unidades simples.

### **Composição sintagmática**

Não é objetivo deste estudo discutir amplamente o processo da composição sintagmática, tarefa já executada por diversos estudiosos, mas apenas tecer algumas indicações, para que se possa efetivar a análise dos livros didáticos no tocante aos processos de formação de palavras, com ênfase no processo em pauta.

O vocábulo gráfico constitui uma unidade lexical indivisível, e a lexia complexa, ou o sintagma nominal, adquire novas propriedades semânticas com as mesmas propriedades sintáticas de inseparabilidade, afirma Bastuji (1974, p. 13). Todavia, seu valor semântico parece produzido pela simples lei de composição entre os

semas dos elementos constituintes. A novidade vem do referente – o novo objeto assim nomeado – muito mais que do significado, o que pode ser observado em compostos sintagmáticos fartamente empregados no Brasil, como *ala governista*, *banda larga*, *agente policial civil*.

Tais exemplos corroboram a assertiva de Biderman (1999, p. 91), para quem é quase certo que “a frequência do uso vai dando aos falantes um forte sentimento de cristalização da seqüência discursiva. E aqui é fundamental o papel da significação”. Por razões já apontadas, o falante tende a compreender os novos compostos sintagmáticos, quando aparecem nos diversos contextos lingüísticos, e, muitas vezes, passa a empregá-los em seus discursos.

Quanto à estrutura dos compostos sintagmáticos, Alves (1994, p. 50) chama a atenção para a constância da ordem em que aparecem as suas unidades formadoras: “à base determinada segue-se a determinante, que pode ser introduzida por uma preposição. No interior do sintagma, os componentes do item léxico conservam as relações gramaticais características da classe a que pertencem”. Exemplos extraídos de jornais seguem esta ordem, apresentando a base determinante com formas diversificadas: *ala governista* (S+A), *risco-país brasileiro* (S(S-S)+A), *agente policial civil* (S+A+A), *amplificador de som* (S+de+S), *cesta de café da manhã* (S+de+S+de+S), *colete à prova de bala* (S+a(a+a)+S+de+S), *lei do passe livre* (S+(de+o)+S+A).

Uma peculiaridade a ser destacada com relação aos compostos sintagmáticos é o fato de serem formadores de siglas e acrônimos, modalidades altamente empregadas na imprensa e universos de discurso: *Música Popular Brasileira* (MPB), *Plano de Cargos, Carreira e Salários* (PCCS), *Exame Nacional do Ensino Médio* (ENEM).

O livro didático pode registrar a sigla (ou o acrônimo – muitas vezes, sem apresentar alguma distinção) como contribuinte na formação lexical, mas não é feita alusão à sua correspondência ao sintagma nominal, enquanto também gerador de lexias.

### **O tema processos de formação de palavras em livros didáticos**

O material didático analisado – dois livros do ensino fundamental e dois do ensino médio – foi selecionado pelo critério da adoção por escolas públicas de Rondonópolis-MT. Além disto, quando se tratava de coletânea – quatro volumes para os anos finais do ensino fundamental e três para o ensino médio – foi adotado o critério da presença do assunto processos de formação de palavras para análise dos volumes em que ele aparecesse. Assim, só um exemplar de cada coletânea pôde compor o *corpus* de análise, já que tal assunto não se repete nos demais volumes.

Uma observação importante se refere ao fato de, nos dois livros didáticos do Ensino Fundamental, a proposta de estudo da temática aparecer em volumes/séries diferentes, conforme a organização da coletânea. Assim, na coletânea “Tudo é linguagem” (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2006) – LD1, o tema aparece no volume da 6ª série, enquanto em “Português: linguagens” (CEREJA; MAGALHÃES, 2006) – LD2, no volume da 8ª<sup>2</sup>. O modo de organização das matérias nesse material parece definir em que momento do Ensino Fundamental o aluno precisará estudar aquele conteúdo.

Com relação ao EM – Ensino Médio, no livro “Português: linguagens”

---

<sup>2</sup> Para facilitar a leitura serão usadas as formas LD1, LD2, LD3 e LD4 para indicar, respectivamente à ordem em que aparecem neste texto, os livros didáticos nomeados.

(CEREJA; MAGALHÃES, 2005) – LD3, o estudo é proposto no primeiro volume (nos capítulos 30 e 33, do total de 36 capítulos), enquanto que no “Português: língua, literatura, produção de texto” (ABAURRE; PONTARA; FADEL, 2004) – LD4, de volume único, mas subdividido em três grandes partes (que privilegiam, nesta ordem, a literatura, a análise lingüística, a leitura e produção textual), o tema consta já no segundo capítulo da análise lingüística.

A análise revelou que nenhum dos exemplares trata da composição sintagmática na discussão dos processos de formação de palavras. Contudo, em um anúncio utilizado para interpretação textual e análise lingüística no LD2, aparece a “expressão” (assim chamada pelos autores) “Lixus tietês typicus”, seguida da frase “Vamos acabar com esta espécie”. Trata-se da imagem de um peixe ironicamente formado por garrafas *pet* (daí a frase “Vamos acabar com esta espécie”), com direito à forma de nomeação convencional dos seres: língua latina (com o acréscimo de *tietes*, de origem tupi). Resguardados os efeitos de sentido que podem ser depreendidos, a expressão é constituída pelo processo da composição sintagmática, ou seja, esta aparece no conjunto do material didático, dentro do próprio capítulo cujo assunto processos de formação é tratado, mas não é considerada enquanto uma das possibilidades de enriquecimento do léxico.

Nos quatro LDs, observamos que os encaminhamentos didáticos são diferentes, de acordo com os propósitos de cada um. Todavia, por percursos distintos, o conteúdo estrutura e formação de palavras segue, aproximadamente, o padrão próprio das gramáticas tradicionais. São dadas definições, ou contextos de ocorrência, seguidas de exemplos para derivação prefixal, derivação sufixal, derivação prefixal e sufixal, derivação parassintética, derivação regressiva, derivação imprópria, composição por justaposição, composição por aglutinação, onomatopéia, redução, empréstimos e gírias,

hibridismo<sup>3</sup>.

Os LDs mais completos na discussão dos processos são de mesma autoria, LD2 e LD3 (um do EF e outro do EM), mas não contemplam o tema composição sintagmática. Ambos incluem, contudo, no tópico “redução”, as siglas, verificando-se mais detalhamentos no LD3, o que é de se esperar, já que é conteúdo para alunos do Ensino Médio. Quanto a esse tópico, o LD3 registra:

### **Redução**

Um dos processos de formação de palavras consiste em reduzi-las com o objetivo de economizar tempo e espaço na comunicação falada e escrita. São tipos especiais de redução as *siglas* e as *abreviaturas*.

- **Siglas:** são empregadas principalmente como redução de nomes de empresas, firmas, organizações internacionais, partidos políticos, serviços públicos, associações estudantis e recreativas:

IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística)

Às vezes, as siglas provêm de outras línguas:

CD – compact disc

AIDS – acquired immunological deficiency syndrome

Observação: a sigla pode funcionar como palavra primitiva, tornando-se capaz, portanto, de formar derivados: petista, peemedebista, aidético, etc.

- **Abreviaturas:** são utilizadas principalmente como redução de nomes científicos e gramaticais, de Estados e territórios, profissões, pronomes de tratamento:

PB (Paraíba)

av. (avenida)

O texto contempla importantes informações, mas, como já antecipamos, sem abordar o problema da composição sintagmática. Além disso, confunde abreviatura com sigla no tocante ao Estado e territórios.

---

<sup>3</sup> Nem todos os LDs contemplam todos os processos aqui elencados. Baseamo-nos nos mais completos, de mesma autoria: LD2 e LD3. Este último carrega, a mais, informações sucintas sobre o hibridismo.

## **Considerações finais**

Averiguar a ausência do conteúdo voltado à composição sintagmática no nível básico de ensino, evidenciada pelo não-tratamento do assunto em livros didáticos adotados por escolas da rede pública de Rondonópolis-MT, costumeiramente seguidos pelos docentes em suas aulas, faz pensar que os estudos lexicológicos precisam ser revisitados tanto pelos gramáticos quanto pelos autores desses livros.

Os próprios docentes responsáveis pela disciplina Língua Portuguesa precisam se voltar a tais estudos, de maneira que busquem a atualização e ampliação de sua competência técnica, com vistas à aplicabilidade no ensino. Desta maneira, se algum conteúdo deixa de ser tratado pelo livro didático, o professor tem condição de complementá-lo para o bem de seus próprios alunos.

Neste sentido, à academia cabe a tarefa de implementar os estudos lexicológicos, cuidando de sua divulgação e proposição de estudos não só nos cursos de Letras, ma também em nível de formação continuada de professores de Língua Portuguesa.

## **Referências bibliográficas**

ABAURRE, Maria Luiza; PONTARA, Marcela Nogueira; FADEL, Tatiana. *Português: língua, literatura, produção de texto*. (volume único). 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004.

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

\_\_\_\_\_. Um estudo sobre a neologia lexical: os microssistemas prefixais do português contemporâneo. São Paulo, 2000. Vol. I, 381p. (Tese de Livre-Docência – Universidade de São Paulo).

BASTUJI, Jaqueline. Aspects de la néologie sémantique. In: *Langages: la néologie*

lexicale. Paris, Didier-Larousse, dezembro de 1974, p. 7-19.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Conceito lingüístico de palavra. In: BASILIO, Margarida (Org.). Palavra. Rio de Janeiro: Vozes, 1999. p. 81-97.

\_\_\_\_\_. *Teoria lingüística: teoria lexical e lingüística computacional*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BORGATTO, Ana; BERTIN, Terezinha; MARCHEZI, Vera. *Tudo é linguagem*. São Paulo: Ática, 2006. v.2 (6ª série).

BOULANGER, Jean-Claude. La création lexicale et la modernité. Le Language et l'Homme Recherches pluridisciplinaires sur le langage. Vol. XXV, n° 4 (décembre, 1990). Ministère de l'E'ducation de la Communauté française.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. Problemas de lingüística descritiva. 18. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

CARVALHO, Márcia Regina Pavoni de. *A propósito de um glossário de neologismos na imprensa escrita de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul: um recorte*. Três Lagoas-MS, 2003. 271p. (Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul).

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar Magalhães. *Português: linguagens*. (vol. I, Ensino Médio). 5. ed. São Paulo: Atual, 2005.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar Magalhães. *Português: linguagens*. (8ª série). 4. ed. São Paulo: Atual, 2006.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley (2001). Nova gramática do português contemporâneo. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DUBOIS, Jean *et al.* *Dicionário de lingüística*. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1998 (Traduzido por Prof. Dr. Izidoro Blikstein *et al.*).

GUILBERT, Louis. La créativité lexicale. Paris: Larousse, 1975.

POTTIER, Bernard. *Gramática del español*. (Versión española de Antonio Quillis). 2. ed. Madrid: Ediciones Alcalá, 1970.

PRETI, Dino. Variação lexical e prestígio social das palavras. In: \_\_\_\_\_ (Org.) *Léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003.

SAPIR, Edward. *A linguagem: introdução ao estudo da fala*. 2. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971. (Trad. J.Mattoso Câmara Jr.).